

DESAPEGO E ABNEGAÇÃO

(Seleções do livro “Karma Yoga” de Swami Vivekananda)

Assim como cada ação que de nós emana a nós retorna como reação. As nossas ações também podem agir sobre outras pessoas e suas ações sobre nós. Certamente você já reparou que quando as pessoas praticam más ações, tornam-se cada vez mais perversas e que, quando praticam o bem ficam cada vez mais fortes e aprendem a fazer o bem em qualquer circunstância. Isso se explica porque agimos e reagimos uns sobre os outros.

Tomemos um exemplo que ocorre na física. Quando executo uma ação, pode-se dizer que minha mente vibra numa determinada frequência e todas as mentes que estão na mesma sintonia serão por ela afetadas. Se colocarmos em uma habitação diferentes instrumentos musicais afinados no mesmo tom, observa-se que ao se tocar um deles, os outros vibram reproduzindo a mesma nota. Do mesmo modo, todas as mentes que estiverem vibrando na mesma frequência, serão afetadas pelo mesmo pensamento.

Ao praticar um ato mau, minha mente vibra em uma determinada frequência e todas as mentes semelhantes podem ser afetadas pela minha vibração mental. Da mesma forma, minha mente vibra numa outra frequência quando pratico uma boa ação e as mentes que estão em uníssono com a minha mente são afetadas por ela. O poder com que uma mente atua sobre outra está em relação direta à intensidade do seu pensamento.

Pode-se dizer que como as ondas de luz podem levar milhões de anos antes de alcançar um objeto, assim também as ondas mentais podem viajar centenas de anos antes de encontrar um objeto com o qual vibrem em uníssono. É provável que nossa atmosfera mental esteja cheia de vibrações mentais boas e más. O pensamento projetado por um cérebro segue vibrando, por assim dizer, até encontrar uma mente sintonizada na mesma frequência que o capte. Da mesma forma, quando um homem pratica más ações, induz em sua mente um certo estado vibratório, que fará com que a mesma entre em contato com ondas mentais semelhantes. Esta é a razão pela qual um malfeitor torna-se cada vez pior e suas más ações se intensificam.

A mesma coisa acontece com as pessoas que praticam boas ações; sua mente capta cada vez mais as ondas semelhantes existentes na atmosfera mental, e com elas intensifica as suas boas ações. Consequentemente, corremos um perigo duplo ao praticarmos o mal. Primeiro, abri-nos a todas as más influências que nos rodeiam; segundo, criamos um estado mental maléfico que poderá afetar outras pessoas, talvez daqui a cinquenta anos. Ao praticar o mal, prejudicamos a nós mesmos e às outras pessoas. Ao fazer o bem, beneficiamos a nós mesmos e aos demais. Como todas as outras forças do homem, as do bem e as do mal se acumulam no exterior.

De acordo com a karma-yoga, a ação realizada não pode ser destruída enquanto não tiver dado seus frutos e ninguém poderá impedir seus resultados. Se eu pratico uma má ação, terei que sofrer por ela e não há nada no universo capaz de detê-la. Do mesmo modo, se faço algo de bom, não existe poder no universo que impeça suas boas consequências. Cada causa deve ter o seu efeito. Agora se apresenta uma questão muito sutil referente à karma-yoga: é que nossas ações, boas ou más, estão intimamente relacionadas umas com as outras. Não podemos traçar uma linha demarcatória e dizer: esta ação é inteiramente boa e aquela é inteiramente má. Não existe ação que não produza bons e maus frutos ao mesmo tempo.

Aquele que na boa ação descobre o segredo da ação e em meio do mal algum bem, conhece o segredo da ação. Não pode existir nenhuma ação inteiramente pura, nem perfeitamente impura no sentido de fazer o bem ou mal. Não podemos respirar nem viver sem causar algum mal, e cada partícula de alimento que comemos é tirada da boca de outra pessoa. Disto se deduz que a perfeição jamais será alcançada pela ação. Mesmo que atuemos durante toda a eternidade, não conseguiremos sair deste intrincado emaranhado que é o mundo. Podemos agir sem cessar, mas não existirá fim para esta inevitável associação de bem e de mal no resultado da ação.

Consideremos agora outro ponto: qual é o fim da ação? Observamos que a maioria das pessoas crê que chegará uma época em que o mundo será perfeito; que não existirão mais enfermidades, desgraças e maldades, porém, se pensarmos por um momento, veremos que não pode ser assim. O bem e o mal não são o verso e o reverso de uma mesma medalha? Como pode existir bem sem mal ou mal sem bem? Que entendemos por perfeição? A vida perfeita resultaria numa contradição. A vida é uma luta contínua entre nós mesmos e o exterior. Continuamente nos encontramos lutando com a natureza externa, e se somos vencidos, nossa vida sucumbe. Por exemplo, lutamos por alimento e ar. Se qualquer dessas coisas nos faltarem, morreremos. A vida não é uma coisa amável que se desliza suavemente; a vida é um esforço contínuo. Esta luta complexa entre o interior e o exterior é o que chamamos vida. É evidente, pois, que quando cessar esta luta terminará também a vida.

Constatamos que ajudando o mundo, ajudamos a nós mesmos. O efeito principal de nossa ação em benefício alheio é o de purificar-nos a nós mesmos. ***Esforçando-nos constantemente em fazer o bem aos demais, conseguimos esquecer-nos de nós mesmos; este esquecimento do eu é a grande lição que nos falta aprender.*** O homem pensa equivocadamente que pode achar a felicidade, porém, depois de muitos anos de luta, descobre que a verdadeira felicidade consiste em tornar-se inegoísta e que ninguém, exceto ele, pode fazê-lo feliz.

Cada ato de caridade, cada pensamento de simpatia, cada ação boa reduz a importância que damos ao nosso ego... Aqui vemos que JNANA, BHAKTI e KARMA convergem para o mesmo ponto. O ideal mais elevado é a eterna e total abnegação: esquecer o “eu” e pensar unicamente no “tu”. **A ética deve fundamentar-se na mais elevada abnegação, que é a base de toda a moral.**

Existem vários tipos de homens neste mundo. Em primeiro lugar existem os homens divinos, cuja abnegação é completa; eles fazem o bem aos demais, mesmo a custa do sacrifício de suas próprias vidas. Se existissem cem homens como esses em alguns países, tais países nunca teriam motivos para se afligir, porém, eles são muito poucos. Em seguida, existem os homens bons, que fazem bem aos outros desde que não se prejudiquem a si mesmos. Depois vêm aqueles que para o bem de si mesmos prejudicam os demais. Um poeta sânscrito disse que existe uma quarta classe de pessoas que fazem o mal só pelo prazer de fazê-lo. Mas encontramos também, do outro lado, o homem mais elevado que faz o bem só por amor ao bem.

Existem duas palavras sânscritas: ***pravritti*** que significa “atrair”, e ***nivritti***, “repelir”. Atrair é o que chamamos o “eu” e “meu”; inclui as coisas que enriquecem o “eu”, tais como posição, dinheiro, poder, nome e fama. Esta é a tendência natural de cada ser humano: tomar tudo de todas as partes e reuni-las ao redor do seu centro, constituindo-se assim o importantíssimo eu do homem. Quando esta tendência começa a declinar, quando se converte

em *nivritti*, “repelir”, então começam a moralidade e a religião. Tanto *pravritti* como *nivritti* são resultantes da ação; a primeira é má e a segunda é boa. *Nivritti* é a base fundamental de toda moralidade e religião, e sua perfeição absoluta consiste em estar sempre disposto a sacrificar a mente, o corpo e tudo mais por nosso semelhante.

Quando um homem alcança este estado, chega à perfeição em karma-yoga. Este é o mais elevado resultado das boas ações. Mesmo que o homem não tenha estudado nenhum sistema de filosofia, não creia em Deus e não tenha orado uma só vez em toda a sua vida, mas, se o poder das suas boas ações o levarem a um estado em que esteja disposto a dar sua vida pelos seus semelhantes, poderá ser comparado ao homem religioso ou filósofo, e isto é abnegação.

Por muito que se diferenciem os sistemas filosóficos e religiosos, os homens se inclinam com reverência e respeito diante daquele que está sempre disposto a se sacrificar pelos demais. Já não se trata de credo nem doutrinas. Até os grandes inimigos das ideias religiosas se inclinam diante de um ato de completa abnegação.

Qualquer pessoa religiosa, mesmo que seja fanática, quando lê *Luz da Ásia*, de Edwin Arnold, sente veneração por Buda, que não pregou Deus algum, e somente o auto-sacrifício. O devoto, mantendo seu pensamento sempre fixo em Deus, chega ao mesmo ponto e exclama: “Que seja feita a Tua vontade”, sem reservar nada para si mesmo. Isto é abnegação. O filósofo, com seu conhecimento, compreende que o eu é uma ilusão e o abandona facilmente, isto é abnegação. Deste modo, karma, bhakti e jnana (ação, devoção e conhecimento), reúnem-se num só ponto, que foi ensinado pelos antigos mestres ao afirmar que Deus não é o mundo. Uma coisa é o mundo e outra é Deus. O que eles entendem por mundo é egoísmo; o altruísmo é Deus. Alguém pode viver num trono ou palácio de ouro e ser perfeitamente altruísta, e por isso estará em Deus. Outro pode viver numa cabana, vestir farrapos, no entanto, se for egoísta estará intensamente submerso no mundo.

Se não podemos fazer o bem sem ao mesmo tempo praticar o mal; nem fazer o mal sem realizar ao mesmo tempo o bem, como devemos agir? A verdadeira solução encontra-se no Bhagavad-Gita. É a teoria de não se ligar, de não apegar-se a nada, mesmo no cumprimento do dever.

Você deve compreender que se encontra completamente separado do mundo, embora viva nele; qualquer coisa que fizer não o faça por amor a si mesmo. O efeito de toda a ação que fizer em proveito próprio pesará sobre você mesmo. Se a ação for boa, receberá bons resultados. Se for má, receberá maus resultados. Mas, qualquer ato que não seja praticado em seu exclusivo benefício, seja qual for, não terá efeito sobre você. Portanto, a karma-yoga ensina: ***“Não abandone o mundo; viva nele e assimile suas influências, porém, se tiver que atuar em proveito do teu próprio gozo, não atue de forma alguma”.***

Gozar não é a meta. Primeiro, desapegue-se do teu pequeno eu e, em seguida, considera o mundo todo como se fosse você mesmo. Os antigos cristãos costumavam dizer: ***“O homem velho deve morrer.”***

Que o mundo tenha sido criado para nosso prazer é a ideia mais perversa de quantas podem nos escravizar. Milhões de seres abandonam periodicamente este mundo, e outros milhões vêm ocupar o seu lugar. ***O mundo é para nós o que nós somos para ele.***

Para agir com retidão, temos que abandonar primeiramente a ideia de apego. Em seguida não devemos interferir nos acontecimentos; devemos sim manter-nos em posição de testemunhas e continuar trabalhando. Meu Mestre costumava dizer: “Considere os teus próprios filhos assim como a sua babá os considera”. A babá cuida dos seus filhos, acaricia-os, brinca com eles e os considera tão ternamente como se fossem seus próprios filhos, porém, ao ser despedida, a babá junta a suas coisas e vai embora sem ao menos se recordar deles. Esse deve ser o seu sentimento para com tudo que seja considerado teu. Se acreditar em Deus, acredite também que todas as coisas de sua propriedade pertencem realmente a Deus.

É um erro pensar que alguém dependa de mim ou que eu possa fazer o bem a outrem. Esta crença é a causa de nosso apego, e do apego surge a dor. Devemos ter a convicção de que nada depende de nós. Todos são ajudados pela natureza, e mesmo que faltassem milhões de seres humanos, tudo continuaria a acontecer da mesma forma. O curso da natureza não será alterado por nós, porém, como já foi dito, é um grande privilégio para nós que se nos permita ajudar os outros, para nos educarmos a nós mesmos. Esta lição devemos aprender a todo custo e, quando a tivermos aprendido, nunca mais seremos infelizes.

O homem que exerce controle sobre si mesmo não pode ser escravo de nenhuma coisa externa. Sua mente está liberta; unicamente um homem assim está apto para viver apropriadamente no mundo. Geralmente os homens têm duas opiniões a respeito do mundo. Os pessimistas dizem: “Que horrível é este mundo; que perverso!”. Os otimistas, ao contrário, dizem: “Quão belo e maravilhoso é este mundo!”. Para os que não controlam suas mentes, o mundo é mau. Este mesmo mundo será bom para nós, desde que sejamos donos de nossas mentes. Então nada poderá afetar-nos, nem o seu mal; acharemos que tudo ocupa seu lugar adequado, que tudo é harmonioso. Aqueles que começam por dizer que o mundo é um inferno terminam por julgá-lo um céu, quando conseguem controlar suas mentes. Se formos verdadeiramente karma-yogues e desejamos alcançar o autodomínio, onde quer que comecemos estaremos certos de terminar na perfeita abnegação; e logo que este eu ilusório tenha desaparecido, o mundo, que a princípio nos parecia mau, se transformará no próprio céu. Sua atmosfera será bendita; cada rosto humano nos parecerá bom. Esta é a perfeição na vida prática e o objetivo e aspiração da karma-yoga.

As yogas não se contradizem; cada uma delas nos conduz ao mesmo fim e nos torna perfeitos; só que devem ser praticadas. Todo o segredo encontra-se na prática. Primeiro vocês devem ouvir em seguida pensar e depois agir. No seu interior está finalmente a explicação de tudo. Ninguém foi realmente educado por outro; cada qual tem que se educar a si mesmo. O mestre externo só oferece as sugestões que despertam o Mestre Interno e as condições de compreender as coisas, que então se nos apresentam claras, por nosso próprio poder de percepção e pensamento, e as realizaremos em nossa própria alma; e essa realização, ao desenvolver-se, se converterá num intenso poder de vontade. Primeiro temos o sentimento, depois o querer e por último a vontade (essa tremenda força que correrá em nossas veias, nervos e músculos, até que todo nosso corpo se transforme em um instrumento da altruística yoga da ação). Esta aquisição não depende de nenhum dogma ou crença. Vocês são altruístas? Esta é a questão. Se o forem, serão perfeitos mesmo sem ter lido nenhum livro religioso.